

O Poder da Alma

Por Marina Truli

Quantas facetas tem o poder! O poder que se exercita como controle, o poder como autoridade que se origina das qualidades humanas da pessoa e que prescinde dos cargos e riquezas; a autoridade do poder que, ao contrário, vem somente das posses materiais ou da importância do papel; o poder de obter por ambição, o carisma. Porque quando alguns falam todos ficam fascinados, enquanto outros podem tratar o mesmo assunto também de maneira brilhante sem suscitar o mínimo interesse? Qual é o segredo deste poder? É o magnetismo pessoal, que brota de muitos fatores dos quais podemos ser todos dotados, mas que muitas vezes permanece em estado latente porque, convencidos de não possuir esta faculdade, não a utilizamos.

Uma manifestação particular deste dote, que aqui especificamente nos interessa, é o magnetismo espiritual, isto é o que Paramahansa Yogananda definiu “o poder que a alma tem de atrair ou de criar o que é necessário para alcançar um bem-estar e uma felicidade completa”.

O magnetismo que emana da personalidade radiante é expressão excelente do poder da alma e da vontade em ação. “O desenvolvimento da vontade – acrescenta Yogananda – é o segredo do magnetismo”.

Assagioli ensinou que o primeiro aspecto da vontade é a vontade de ser, de existir; mas também que o outro aspecto da vontade, intimamente ligado ao ser, é o poder, a potência que está em nós. Diz respeito ao núcleo energético que sentimos essencial e central em nós a magia, a faculdade de tornar potencial, real isto que “pode ser” para todos os efeitos. Mas naturalmente “também o poder depende diretamente da consciência. É inútil ter a capacidade potencial de realizar certas ações se não temos a consciência dela”.

O poder da alma pode também se manifestar de formas inquietantes. Em uma entrevista recente foi perguntado a Hillman se “o poder da alma sobre o indivíduo era a verdadeira alma do poder”. “O poder da alma surge na depressão” respondeu. Não pode haver na vida de uma pessoa um fato mais potente que uma depressão ou uma paixão amorosa: eis aqui um exemplo de poder da alma, que se faz sentir através do sintoma.

“A depressão pode ser traduzida de maneira positiva – por assim dizer – porque desacelera e constrói limites”. Se todos se movimentam com pressa, quem se movimenta com calma, está em um estado de desequilíbrio e tem um sentimento de mal-estar e depressão. Ainda que não seja ele o verdadeiro doente.

Assagioli recomendava distinguir nos sintomas aqueles que poderiam ser atribuídos a uma “crise interna” determinada pela aproximação do despertar da alma. Antes de manifestar-se em seu aspecto positivo, a visão do universal e do eterno manifesta-se na sua forma negativa: tem o poder de nos fazer sentir como cada coisa particular, considerada em si mesma, pode ser vã e efêmera.

Eugenio Borgna acusa, nas páginas de uma revista especializada, a psiquiatria de não saber liberar-se do peso de tradições e convenções que a caracterizam como uma disciplina sem alma. “O sentido das realidades profundas com as quais a psiquiatria se confronta não pode prescindir de uma certa dimensão que tem como raiz a alma, que só ela consegue colher o significado do quanto acontece na nossa vida interior e na dos outros”. O psiquiatra – acrescenta – deve ir além de cada aparência para compreender a voz secreta, a voz do silêncio, a voz da alma, porque os fatos psíquicos são experiências que têm em si um significado profundo que nos aproxima da alma, são repletos de alma, sem a qual o sentido da vida se apaga ou transforma-se em uma simples imagem.

Borgna atribui o desconforto contemporâneo característico da negação da alma: “a psiquiatria da interioridade, da escuta, do diálogo, não condena nunca aqueles que são marcados pela experiência da loucura, que deve ser considerada como possibilidade humana que dá testemunho da grandeza e miséria do homem”.

Parece mesmo que Assagioli tenha antecipado os que hoje são considerados conceitos inovadores e pontos de chegada.

O poder da alma manifesta-se onde não se espera – escreve Thomas Moore. Não tem nada a ver com os conteúdos compensatórios do ego. Não é violento, mas irrefreável, como a água tumultuosa de um rio, como uma força sutil que se manifesta através do sintoma e através da sombra. Uma vida rica de alma não é nunca privada de sombra e o poder da alma origina-se em parte das suas qualidades-sombra. Portanto se queremos viver em conexão com a alma devemos abandonar todas as nossas pretensões de inocência. O seu é um poder profundo, uma força vital que, se represada, manifestar-se-á de forma sintomática, e que alimenta a vida criativa, expressando-se através de intenções ou necessidades que podemos entender somente em parte.

É insensato negar os sinais deste poder, que se exprime com intensidade, paixão, força e ousadia. A alma nos dá indicações sutis e os resultados são alcançados sem esforço, quase de forma mágica.

Assagioli-Considerator afirma que o trabalho mágico é realizado pela Alma que, como entidade potente, usa as suas forças porque:

Apenas a Alma tem uma direta e clara compreensão do propósito criativo e do Plano Divino.

Apenas a Alma, cuja natureza é Amor Inteligente, pode ser depositária da Consciência, dos símbolos e das formas necessárias para realizar o trabalho mágico.

Apenas a Alma tem o poder de operar em todos os mundos simultaneamente, também permanecendo isenta de apego, e, portanto, livre carmicamente dos resultados de tal trabalho.

Apenas a Alma tem a consciência de grupo e é movida puramente por propósito desinteressado.

Apenas a Alma pode ver o fim desde o princípio, com o olho da visão interior, e pode manter sólida a imagem fiel do trabalho realizado.

A Alma é, portanto o transformador de todas as nossas experiências internas na Consciência superior.

É a grande intermediária ou intérprete que torna possível a ascensão ou a descida de energias e a comunhão entre o alto e o baixo.

Jung enfatizou a fundamental inconsciência do arquétipo Anima que definiu psicopompo¹, mediadora do desconhecido, e dotada de comportamento esquivo.

Permaneçamos na magia.

Neste ponto, em apneia provocada por muitas leituras decido perguntar-me de qual alma estou falando, mas mantendo os pés no chão. Pergunto às pessoas que conheço “o que você pensa que seja a alma?”. Exponho a vocês a resposta de um amigo, que não conhece a Psicossíntese.

“Ter Alma é como ter um piloto interno, que dá a direção, mesmo se não está sempre tão seguro da rota. Às vezes adormece, ou combate o frio das altas altitudes fazendo-nos cair e embriagando-nos um pouco. Mas sem este piloto o seu – disse – teria sido “o avião mais louco do mundo” no qual alternariam a condução todos os membros da tripulação, do anfitrião ao Stuart, e até mesmo algum passageiro ou o macaco da famosa piada”.

Em seguida definiu: “é como ter Lindbergh que decide sobrevoar o Oceano utilizando o meio aéreo: leva dezenove horas e carrega consigo somente dois sanduiches e dois litros de água para não pesar, e uma medalha. Seus inimigos mais insidiosos são, como disse, o frio, porque o avião é aberto, e principalmente o sono, porque não há para brisa e não enxerga exceto quando joga a cabeça para fora da cabine. Em certos momentos o avião perde altitude porque Lindbergh adormeceu e não desperta a não ser por um pouco de água (na história verdadeira por um raio de sol que atingiu a medalha de São Cristovão pendurada no painel), e puxa o manche com todas as suas forças e retoma a altitude. Sim, este aviador de longas distâncias é a alma para mim”.

É sugestiva esta imagem psicossintética do piloto interior-alma, que adormece ou às vezes enche um pouco a cara: serve para explicar como se sente quando o nosso Eu não está no leme. Assim acontece com a nossa consciência quando, dominada pelo sono, combate tentando despertar e o eu profundo submerso em nós, luta para libertar-se das suas complicações e para emergir do abismo.

Enquanto não despertamos estamos inconscientes do nosso “estado real de poder e alegria” (um pouco como a Bela Adormecida) e a nossa existência física parece ser a única realidade.

¹ Condutor de almas (mitologia)

Não experimentando a realidade da alma, nem sequer imaginamos o estado de bem-aventurança, do qual temos testemunhos em todos os textos sagrados e simbólicos, e que nos permite suportar a dor e o sofrimento deste mundo sem sermos tocados, como sob o efeito de um analgésico potente.

Hillman, mas poderei citar novamente Assagioli, recorda-nos que a alma sabe o que é bom para o indivíduo porque “conhece o projeto” e tem o poder de colocar-nos em condições de torná-lo um potencial real.

Antes do nascimento a alma de qualquer um de nós escolhe uma imagem ou desenho que depois viveremos sobre a terra, e recebe um companheiro que nos guia aqui embaixo, um “daemon”² da tradição platônica, que é único e típico nosso. No entanto, ao vir ao mundo esquecemos tudo isto e às vezes a escolha da situação de vida que vivemos nos parece incompreensível. É o daemon que recorda o conteúdo da nossa imagem, os elementos do desenho pré-escolhido. E é ele portador do nosso destino.

Um pouco como a alma segundo Jung, que não pode ser feita pelo homem e que é sempre o elemento a priori dos seus humores, reações e impulsos, e de tudo isto que existe de espontâneo na vida psíquica. Algo que tem vida própria e que nos faz viver; uma vida que está além da consciência e que não pode nunca ser completamente integrada com ela, mas da qual a consciência emerge.

Para a filosofia clássica, Aristóteles, Plotino, a alma era o verdadeiro Ser, a vitalidade sensível do corpo.

Para os latinos é o hálito, o sopro de vida (“anemos”), uma força geradora localizada na cabeça e associada ao próprio “gênio” individual (o daemon pessoal dos gregos). Alma é a força profunda e indefinida que está por trás de várias funções específicas conscientes da vida.

A tradição oriental a define de fato como um “princípio de autodeterminação” que pertence a todo ser que tenha vida. A energia da alma é o “prana”, princípio universal de vida em todas as formas, e as energias vitais do corpo humano são a quantidade diferenciada que cada alma atribui a si mesma. Quanto melhor é a absorção desta energia, mais o homem poderá manifestar os poderes e as qualidades que são hereditárias do homem espiritual.

Poderei ir avante, ao infinito: todo filósofo, pensador, poeta, intérprete ou redator de textos sagrados, deu a sua interpretação. O mais impressionante é que com palavras diferentes, todas as interpretações coincidem e todas falam do poder da alma, aliás, às vezes dos seus “superpoderes”.

Stahl, criador do movimento do pensamento chamado “animismo” afirma que “a alma... é a fonte de cada movimento, constrói a máquina do corpo e... o protege das influências externas... a causa imediata da morte não é a doença, mas uma intervenção direta da alma, a qual abandona a máquina do corpo ou porque inutilizável por alguma lesão grave, ou porque decide que não lhe serve mais”.

² Mágico que evocava as almas dos mortos

O misticismo cristão baseia-se nos ensinamentos de São Paulo, que afirma que em todo homem existe uma potencialidade que ele chama “o Cristo em vós”, que com a Sua presença permite a qualquer um alcançar a condição do Cristo.

“Essência, substância ou causa motivadora da vida individual e especialmente da vida psíquica, veículo da existência individual, separada do corpo pela sua natureza” é a definição que nos dá Alice Bailey.

O grande mestre de meditação Rajinder Singh, entende por “alma” a nossa verdadeira essência ou o aspecto espiritual, a parte de nós que sobrevive à morte do corpo físico. A alma existe independentemente do corpo e da mente e quando desce ao mundo serve-se deles. Nós seres humanos somos “almas encarnadas”, quer dizer almas com um corpo e uma mente, em evolução até a plena realização. Mas tudo deve ser feito passo a passo, com ardor, sem pressa. E a alma possui a calma, a paz, a serenidade, dada sua consciência de eterna persistência e do triunfo seguro do Espírito.

Passo a passo, mas qual é a medida? Suponhamos viver por cerca de 70 anos; se dormirmos 08 horas por dia, passamos 23 anos adormecidos; se trabalhamos 40 horas por semana dos 20 aos 65 anos, dedicamos 15 anos à atividade profissional; se por dia empregamos 02 horas preparando alimentos e comento, já se vão cerca de 06 anos; 05 anos são necessários para 01 hora diária dedicada a vestir-nos, despir-nos, lavar-nos e comprar vestidos (e no meu caso aumentam). Despendemos ao menos 01 ano falando ao telefone, 03 para esperar pessoas ou em filas, 06 dirigindo um veículo, 06 anos em atividades de diversão em sentido lato e 02 para desenvolver trabalhos domésticos ou encargos. Restam somente 03 anos para as práticas espirituais, que se tornam 02 para quem pratica 02 horas semanais em lugar de culto.

Há de debilitar-se até a alma mais paciente. Para parar de agir como peixes que nadam no oceano perguntando-se onde está a água e restituir poder à alma, devemos concentrar a atenção para dentro de nós com uma certa regularidade.

Uma alma que reconheceu a si mesma e está consciente de ser a essência do nosso verdadeiro ser é o poder que nos guia para além do corpo e da mente.

Percebê-la nos leva a ver a nós mesmos não como ilhas conceituais, mas como células partícipes de um Grande Designo; para transformar pouco a pouco, através de uma profunda elaboração interior, a procura do nosso bem-estar na busca de um bem-estar coletivo e o nosso particular, vivendo a vida cotidiana em uma visão de conjunto; o nosso saber individual em um Saber Universal.

Então a alma é vida e a vida é a alma, e o seu poder é um “poder com” mais do que um “poder sobre”, porque não prescinde da nossa colaboração para realizar-se.

Dou-me conta de que o objetivo de todos os métodos e de todas as práticas é a união consciente com a alma, subordinando as energias inferiores, da matéria e da natureza mental sensível, à mais elevada energia espiritual, sendo a ligação de nossa adesão e participação ativas no projeto.

É devido a falta de conhecimento do nosso verdadeiro Eu que acabamos criando separação e que traçamos limites ao nosso redor. Mas por trás das divisões no plano físico existe uma força unificadora que conecta toda a vida.

Para alçar o nosso mundo interno o ponto de apoio, a “alavanca”, é constituída do eu espiritual, do centro fixo e dinâmico do nosso ser.

Os xamãs falam da alma como de um estado de integridade e propõe a “caça à alma” para ajudar o indivíduo a recuperar a sua integridade perdida e com ela a saúde. Para eles toda vez que se vive um trauma físico um pedacinho da alma arranca-se de nós. Quando renunciamos a muitas partes do nosso “poder pessoal” criando um vazio em nós mesmos, o universo o preenche com a doença.

O Bhagavad Gita transmite o pensamento fundamental de toda filosofia dos Upanixades, que decreta a identidade entre o poder divino infinito e eterno de Brahma, que se materializa em todas as coisas existentes, que cria, sustenta, conserva e reabsorve em si todos os mundos e o Atma, o Eu individual ou Alma, aquilo que descobrimos em nós mesmos como ser profundo, depois de ter eliminado tudo aquilo que é externo.

Atma significa Eu, do qual são possíveis três interpretações: o eu corpóreo; a alma individual livre do corpo; a Alma suprema na qual sujeito e objeto não são mais divididos.

Mas então, isto é, Psicossíntese – digo a mim mesma – coincide com a diferença assagiolana entre o espírito individual na sua natureza essencial – chamado “fundo” ou “ápice” da alma, o Eu superior, o Eu real – e a pequena personalidade comum, o “pequeno eu” do qual somos conscientes.

As qualidades da alma – escreve Considerator – emanam suas energias específicas e com o tempo resplandecem através dos veículos da personalidade na vida de cada dia (retornamos ao magnetismo). Com este meio as qualidades interiores e espirituais alcançam a expressão externa e objetiva. A colaboração consciente com este processo o acelera, e o dedicar-se ao desenvolvimento de todas as qualidades que uma alma deve manifestar através da personalidade, permite tornarem-se sempre mais conscientes.

A “função” específica da alma é, portanto, redimir a personalidade, sua projeção nos mundos, colocá-la em contato com aquilo que para nós é espírito puro, uma vez que transcende cada forma, e produz a fusão do espírito e da matéria, a espiritualização da matéria.

Mas quais meios pode utilizar, quais poderes pode pôr em prática para nos convencer a colaborar com o desconhecido?

Quando se vive com somente uma parte de si, identificadas e restritas em uma ou mais subpersonalidades, que nada aprendem e repetem-se perenemente, é a vida que nos manda a ocasião, muitas vezes traumática, para contatar o poder e a energia da alma que espera, lutando com o sono, dentro de nós, poder enviar em nosso auxílio as suas preciosas qualidades.

Por seu lado, a alma, para elevar a personalidade ao seu nível utiliza a “Lei da Atração”, que se manifesta como um “chamado” ou “vocação”. A alma exercita

múltiplas e potentes atrações vividas pela personalidade com toda uma série de incômodos: o senso de inutilidade e de precariedade da vida, o valor efêmero de cada conquista, o sentir-se em poder de acontecimentos todos vividos como tragédias, as crises evolutivas ou involutivas, os sintomas, a ansiedade.

Às vezes comunica via uma intuição, uma percepção direta repentina que pode manifestar-se como voz interior, como imagem onírica, como senso de elevação. Mensagens que abrandam o vazio e fazem captar diferentes estados de consciência, regiões interiores que, mesmo não existindo no tempo e no espaço, são vívidas e reais mais do que qualquer outra realidade, e são plenas de luzes e sons mais intensos que os físicos.

Apesar disso, a personalidade humana encontra todas as desculpas, se distrai, tem medo de abandonar-se e não quer dispensar os amparos que a sustentaram. Foge do transpessoal por temor que lhe peça quem sabe alguma renúncia. Às vezes, rebela-se abertamente aos apelos, aos convites, aos comandos do Eu. Sabe o que fazer e a força e a persegue de modo sempre mais insistente, até que, se obriga a render-se ao seu poder: “encontra com alegre maravilha, ao invés do temido aniquilamento, a própria participação na Vida Universal” (Considerator).

Não me sinto cômoda para ser um exemplo de governo da alma, mas minha alma muito mais frequentemente de que eu estivesse consciente salvou-me a vida com força e determinação e mesmo quando me senti a um passo de perder-me.

Posso reconhecer sua marca nos momentos nos quais meu desespero encontrou a via da aceitação do que me acontecia; na qual a raiva e a piedade prepotente converteram-se em profunda compaixão; na qual o amor foi mais forte que o luto, a vida mais forte que o desejo de morte. Nos momentos nos quais consegui escutar, compreendendo em um só momento a linguagem do silêncio e dos vazios, entendendo o sofrimento do outro que me olhava e pedia ajuda sem nada dizer.

Reconheço a sua presença em todas as ocasiões que esqueci de mim mesma e desmoronei em cima da dor do mundo, na qual meu amor foi invadido pela compreensão e provei no peito e nas vísceras o tormento de todos aqueles que eram separados de quem amavam e graças à força do sentimento de vida conseguiam, apesar de tudo, sobreviver.

E senti o seu poder quando um filho morto em circunstâncias trágicas na outra parte do mundo tornou-se também meu filho fazendo-me experimentar a dor física de trazê-lo ao mundo e senti-lo ser arrancado de mim.

Este poder manifestou-se também quando decidi por mim mesma que não era a minha hora, que devia ainda lutar, compreender e alcançar.

Uma vez, era muito jovem, o percurso espiritual parecia-me a única coisa digna de ser vivida. Pulei todo tipo de trabalho psicológico e toda preparação física. O que mais me ajudava era meditar, ler e traduzir textos esotéricos de iniciados famosos.

Vivi doente por vários anos, portanto o meu físico estava enfraquecido. Uma noite durante uma meditação “deixei-me ir” e entrei em um escuro repleto de portas

luminosas. Era divertido entrar e sair destas aberturas, inundar-me de luz quente e continuar a sentir-me sem peso. E assim não saí, aliás, voei ao longo de um promontório negro e muito alto até uma luz magnífica, a mais resplandecente e branca que se possa imaginar. Flutuava em uma indescritível alegria e não tinha nenhuma intenção de retornar ao meu pobre corpo que via em baixo sentado em uma cadeira e que tinha provavelmente parado de respirar. Fui chamada e “salva”, mas a horrível sensação de passar através de um funil e ser aprisionada em meu próprio corpo não esquecerei jamais.

Como por sorte a sensação daquela luz que me invadia e que eu sempre acalentei não me abandonou mais, porque me deu um senso de sobrevivência que tirou “pathos da morte”. Também demorei um tempo para meditar novamente.

A validade desta experiência pessoal é favorecida pelo fato de que coincide em particular com inumeráveis narrações de experiências análogas. Apesar de se tratar de uma experiência espontânea que me encontrou despreparada, teve de qualquer maneira para mim o significado de uma revelação, de uma intuição que me deixou uma profunda nostalgia e o desejo de experimentar novamente aquela centelha da grande Luz e o doce senso de leveza e paz.

A partir daquele momento, uma sensação de alegria coexistiu em mim com as experiências de dor e não mais me senti apartada nem isolada. Continuo a experimentar uma profunda gratidão e permanência destes dons de poder.

Dei-me conta que o único senso de culpa legítimo é não realizar o Eu, que não se pode trair a própria Alma, não se pode resistir ao seu chamado e desobedecer ao seu poder sem mutilar a vida e perder a paz conosco mesmos.

Realizar o poder da alma nos fará vir a ser “homens livres”, livres para aderir às leis da natureza e a uma vontade maior que a nossa.

Assagioli recomenda “recordar sempre que a primeira, mais próxima, mais direta manifestação e expressão de Deus é para nós a nossa alma, o nosso Eu espiritual. Por isso o querer de Deus não é um querer externo a nós, mas o nosso verdadeiro querer, é (isto que queremos querer com a parte mais verdadeira e real de nós mesmos) o dualismo temporário situa-se entre a personalidade e a alma”.

Portanto deveremos fazer o que já sabemos ser a vontade de Deus, eliminar os obstáculos, retirar os véus das ações negativas, da cólera e da ira, da mentira, da voracidade, do egoísmo e dos apegos do tipo que “cobriram” a nossa alma, considerar cada problema à luz do espírito; treinar-nos a subir sempre mais alto e a permanecer em silêncio, em escuta.

Então poderemos mover-nos segundo princípios de verdade, de não violência, pureza, humildade, amor e serviço desinteressado. E fazer tudo com desinteresse e com o sábio uso da mente.

Uma vez que a alma procura sempre uma experiência interna e não externa, a viagem começa dentro de nós, na nossa realidade mais elevada, onde o nosso poder, a força, a alegria e a energia que é a vida em si, estão à nossa disposição.

Atingiremos estes recursos sem limites com o auxílio das preciosas qualidades da alma realizada: a sabedoria, a ausência de medo, a imortalidade, o amor incondicional, o senso de unidade e bem-aventurança.

Se olharmos o mundo com os olhos da alma, com sabedoria infinita, encontraremos a solução dos mistérios da vida; o amor incondicional, permanente e durável, envolver-nos-á de calor e alegria. O sol brilha sobre todas as flores em igual medida e todas as criaturas são amadas do mesmo modo. A alma ama incondicionalmente. Desconheceremos o medo, que jorra da dúvida e do desconhecido. A alma é totalmente consciente, conhece o futuro, o projeto, e sabe que não deve morrer: experimentaremos seu senso de imortalidade. Se o eu instaura um diálogo com o Eu, sente-se em companhia de si mesmo e não tem mais medo, não é mais dependente.

Impelidos por uma vontade de bem, viveremos em harmonia com os outros e com todas as criaturas, colhendo a mútua dependência entre os seres humanos, os animais, as plantas, os recursos naturais e os ciclos da terra. O homem espiritual – diz Assagioli – realiza tanto o senso do eterno quanto o ciclo, isto é a manifestação evolutiva na qual se vai realizando o propósito de Deus, o seu Plano sábio, com a colaboração dos homens.

Identificando-se com a alma, damos-lhe o poder de guiar e transformar nossas vidas. A conexão com nossa alma significa autorrealização ou realização do Eu, que desloca o nível de consciência e troca os pontos de referência e de perspectiva.

E o tempo no qual podemos realizar algo é agora: a totalidade do nosso passado está aqui; nós estamos por inteiro aqui, todo o nosso poder está aqui. Se decidirmos: “darei o melhor de mim mesmo ao mundo!” começaremos a melhorá-lo. O poder consiste em realizar agora o que se deve realizar.